



CRIADOURO CONSERVACIONISTA ARARINHA AZUL LTDA
CNPJ 44.983.640/0001-34
Fazenda Ararinha-Azul Povoado Cabaceiras, S/N
Curaçá-BA. CEP 48.930-000
criadouro@ararinha-azul.com
www.ararinha-azul.com

CIRCOVÍRUS NO BRASIL PERGUNTAS E RESPOSTAS

1. O que é circovírus? Ele é perigoso para humanos ou outros animais de estimação?

Não. Esse circovírus dos psitacídeos (araras, papagaios e periquitos), conhecido como PBFDV (Doença do Bico e das Penas dos Psitacídeos), afeta apenas papagaios, araras, periquitos e outros psitacídeos. Não representa risco para humanos, cães, gatos ou outros animais (Murphy, 2025).

2. Como o circovírus afeta papagaios da América do Sul e do Brasil?

Os psitacídeos neotropicais (como os do Brasil) parecem ser mais resistentes ao vírus em comparação com espécies da África, Ásia e Austrália. Muitos conseguem montar uma resposta imunológica eficaz, combater o vírus e até eliminá-lo. (Phalen, 2016; Raidal, 2016)

3. Como o vírus foi transmitido para as ararinhas?

Ainda não é possível afirmar com certeza. Mas sabemos que:

- Todas as ararinhas-azuis são testadas para o circovírus de psitacídeos antes de serem transferidas para o criadouro e depois quando chegam e todas testaram negativo para o vírus.
- O primeiro caso foi detectado em um filhote nascido na natureza no Brasil.
- O vírus identificado nesse filhote não corresponde a nenhuma variante europeia conhecida.
- É sabido que o circovírus de psitacídeos está presente em populações de psitacídeos de cativeiro e em centros de resgate e reabilitação no Brasil.

Ou seja, pode ter origem aqui no Brasil.

4. Se o vírus já está no Brasil, por que dizem que esse é o primeiro registro em vida livre?

Embora o circovírus já tenha sido detectado no Brasil desde os anos 1990 (Araújo et. al, 2015) , até recentemente todos os registros confirmados vinham apenas de aves em cativeiro — seja em criadouros, comércio ilegal ou centros de triagem.

Isso acontece porque a vigilância sanitária sempre se concentrou nas aves domésticas ou de cativeiro, principalmente por razões comerciais, sanitárias e de combate ao tráfico de animais. Já o monitoramento de aves livres na natureza sempre foi raro, pontual ou inexistente, devido à dificuldade de acesso, custo elevado dos testes moleculares e à baixa prioridade histórica dada a esse tipo de investigação.

Além disso, o circovírus pode circular de forma silenciosa, sem causar sintomas clínicos visíveis, especialmente em espécies nativas da América do Sul, como



CRIADOURO CONSERVACIONISTA ARARINHA AZUL LTDA
CNPJ 44.983.640/0001-34
Fazenda Ararinha-Azul Povoado Cabaceiras, S/N
Curaçá-BA. CEP 48.930-000
criadouro@ararinha-azul.com
www.ararinha-azul.com

papagaios e araras, que tendem a ser mais resistentes (Murphy, 2025). Sem sintomas clínicos aparentes, a infecção pode passar despercebida se não houver testagem laboratorial. Coloração de penas brancas pode estar associadas a outros fatores.

Foi apenas nos últimos anos que começaram a surgir os primeiros estudos com foco específico em aves silvestres, como os trabalhos de Pires (2021), Batista et al. (2021), Gonsalves Coelho (2025) e Garcia (2025) — todos muito recentes e reveladores. Isso mostra que o conhecimento sobre a circulação do vírus em ambientes naturais ainda está em construção.

No caso da ararinha-azul, por se tratar de uma espécie emblemática e extremamente rara, o projeto de reintrodução realiza um monitoramento sanitário constante e rigoroso — muito mais intenso do que o feito com qualquer outra espécie silvestre. Foi graças a esse acompanhamento técnico detalhado que conseguimos detectar a presença do vírus em um filhote nascido na natureza e notificar prontamente os órgãos ambientais.

5. Que medidas foram tomadas para controlar o vírus?

Os órgãos ambientais competentes foram notificados sobre a detecção do circovírus e todas as medidas de biossegurança para prevenir a dispersão do vírus para a população cativa foram adotadas, como:

- Isolamento das aves negativas;
- Aumento das medidas sanitárias no manejo;
- Suspensão das solturas;
- Construção de barreiras para evitar o contato entre as aves de vida livre as aves de cativeiro;
- Testagem regular de todo o plantel.

6. Quantas ararinhas estão doentes? Alguma morreu?

As ararinhas-azuis, assim como deve ocorrer com os demais psitacídeos do Brasil, apresentam alta capacidade de resposta imune ao circovírus.

Todas as aves dos recintos de descanso, reprodução e agregação testaram negativo para o vírus.

Das 103 ararinhas-azuis, apenas 15 tiveram resultados positivos para o circovírus. Dessas 01 foi o filhote de vida livre, a primeira ave com teste positivo, e as outras 14 que estavam no recinto de soltura, no ambiente natural, sendo preparadas para reintrodução.

Nenhuma ave morreu, todas apresentam ótima capacidade de voo e se alimentam bem.

O filhote e outra ave já apresentam resultado negativo para o teste de circovírus. Nova bateria de exame será realizada em setembro que poderá determinar que essas aves estão livres do vírus.



CRIADOURO CONSERVACIONISTA ARARINHA AZUL LTDA
CNPJ 44.983.640/0001-34
Fazenda Ararinha-Azul Povoado Cabaceiras, S/N
Curaçá-BA. CEP 48.930-000
criadouro@ararinha-azul.com
www.ararinha-azul.com

Esperamos em dezembro informar que o vírus não está mais ativo no criadouro.

7. Como estão as aves de vida livre?

No começo desse ano haviam 12 aves em vida livre. O filhote que apresentou resultado positivo para o teste em abril foi capturado e hoje é mantido isolado de todas as demais aves na ala veterinária do criadouro.

Entre as restantes 11 aves em vida livre, três apresentaram penas brancas, um sintoma clínico que foi associado à infecção de circovírus, mas que pode não ser causada pelo vírus.

Por meio de coletas não invasivas, amostras de fezes de 9 aves de vida livre foram enviadas para exames e todas tiveram resultado negativo.

Ou seja, o vírus não tem representado um risco para a sobrevivência desses animais até o momento. E nenhuma morreu.

8. As ararinhas de vida livre podem transmitir o vírus para outras aves, pessoas ou animais?

O circovírus de psitacídeos não afeta os humanos, cães, gatos ou outros animais ou outras aves silvestres.

O vírus pode infectar psitacídeos (araras, papagaios e periquitos), entretanto essas aves do Brasil apresentam uma resistência imune maior ao vírus.

Caso haja alguma ararinha-azul positiva é possível que ela seja um vetor do vírus para um papagaio de vida livre, entretanto, isso não quer dizer que o papagaio irá contrair a doença e espalhar para outras aves, pois seu sistema imune pode protegê-lo e dessa forma não adoecer e nem transmitir a doença para outras aves.

9. Capturar as ararinhas-azuis resolveria o problema do circovírus?

Não. Capturar as ararinhas não resolveria o problema do circovírus e ainda traria riscos desnecessários.

O vírus já foi identificado em outras espécies silvestres no Brasil, a partir de coletas realizadas em centros de triagem de animais silvestres, como araras-canindé (Araújo, 2015; Pires, 2021) e papagaio-verdadeiro (Philadelpho, 2022), o que indica a possibilidade de sua presença na natureza independente das ararinhas.

Além disso, as aves que testaram positivo estão reagindo bem ao vírus, não apresentando morbidade e algumas já voltaram a testar negativo em poucos meses, mostrando que seu sistema imune é capaz de combater a infecção e eliminar o vírus. A captura e o confinamento causariam estresse severo, o que reduz a imunidade e pode reativar infecções latentes, inclusive o próprio circovírus.

A literatura científica recomenda estratégias de monitoramento não invasivas, como a testagem de ninhos de várias espécies, que permitem vigilância eficaz sem interferir no bem-estar dos animais (Martes et al, 2020).



CRIADOURO CONSERVACIONISTA ARARINHA AZUL LTDA
CNPJ 44.983.640/0001-34
Fazenda Ararinha-Azul Povoado Cabaceiras, S/N
Curaçá-BA. CEP 48.930-000
criadouro@ararinha-azul.com
www.ararinha-azul.com

Por fim, remover as ararinhas da natureza significaria levá-las à extinção em vida livre novamente, anulando décadas de esforços de conservação, pois seria perdido todo o conhecimento adquirido por essas aves que já estão adaptadas à natureza, voando e até se reproduzindo, extremamente valioso para futuras reintroduções. Portanto, essa medida seria ineficaz do ponto de vista sanitário e desastrosa do ponto de vista da conservação da ararinha-azul.

10. Por que o governo quer capturar ou sacrificar as ararinhas?

Provavelmente por desinformação ou recomendações técnicas desatualizadas. A proposta atual é testar as aves a cada 15 dias e sacrificar após dois testes positivos. Isso vai contra a ciência, pois o sistema imunológico precisa das ararinhas precisa mais tempo (pelo menos 3 meses) para combater essa o vírus (Doneley, 2016).

11. Qual seria o melhor caminho, segundo a ciência?

Seguindo a metodologia de análise de risco de doença da UICN (Jakob-Hoff, 2014), considerando que:

- Não há registros de óbitos pela infecção na espécie-alvo nem em outras aves da comunidade.
- O vírus foi detectado, mas sem evidência de impacto populacional.
- Extinguir ou remover indivíduos de vida livre representaria um dano imediato e mensurável à conservação.

O procedimento correto a ser adotado seria:

- Não eliminar a população;
- Monitorar as aves de vida livre, por meio de coletas de amostras não invasivas (Martens, 2020);
- Realizar testes em outros psitacídeos na região;
- Fortalecer vigilância sanitária das aves em cativeiro; e
- Revisar periodicamente a avaliação à luz de novos dados, deixando aberta a possibilidade de readequar a estratégia se surgirem evidências de morbidade/mortalidade.

Referências:

- 1) Araújo AV, et al. Molecular Diagnosis of Beak and Feather Disease in Native Brazilian Psittacines, Rev. Bras. Cienc. Avic. 17 (4) • Oct-Dec 2015 • <https://doi.org/10.1590/1516-635X1704451-458>
- 2) Batista, Aksa & Pereira, Arickson & Júnior, Fabiano & Gurgel, João & Pereira, Lucas & Araújo, Bruno & Moreira, Amanda & Medeiros, Nayara & Freitas, Carlos. (2021). Generalized aptheria and automutilization of members in budgegarigar (Melopsittacus undulatus SHAW, 1805) presenting circovirocrosis in the Northeast of



CRIADOURO CONSERVACIONISTA ARARINHA AZUL LTDA
CNPJ 44.983.640/0001-34
Fazenda Ararinha-Azul Povoado Cabaceiras, S/N
Curaçá-BA. CEP 48.930-000
criadouro@ararinha-azul.com
www.ararinha-azul.com

Brazil. Research, Society and Development. 10. e200101320864. 10.33448/rsd-v10i13.20864.

- 3) Doneley B. Psittacine beak and feather disease. In: Doneley B: Avian Medicine and Surgery in Practice: Companion and Aviary Birds, 2nd edition. CRC Press, 2016, Pag 169-170. ISBN: 978-1-4822-6020-5
- 4) Garcia, Yasmin Luisa Neves Lemes (a). Monitoramento de influenza aviária e circovírus na região de São José do Rio Preto e litoral do Paraná. Dissertação (Mestrado em Microbiologia). 2025 – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas (Ibilce), São José do Rio Preto, 2025. <https://hdl.handle.net/11449/260663>
- 5) Gonsalves Coelho HL: Detecção de circovirus dos psitacideos em aves silvestres em cativeiro no Brasil (Detection of psittacine circovirus in captive wild birds in Brazil). Doctoral Thesis, 2025. <http://hdl.handle.net/1843/81976>
- 6) Jakob-Hoff, R. M., MacDiarmid, S. C., Lees, C., Miller, P. S., Travis, D., & Kock, R. (2014). Manual of procedures for wildlife disease risk analysis (Vol. 2014, p. 149). Paris, France: World Organisation for Animal Health.
- 7) Martens JM, Stokes HS, Berg ML, Walder K, Raidal SR, Magrath MJL, Bennett ATD. 2020. A non-invasive method to assess environmental contamination with avian pathogens: beak and feather disease virus (BFDV) detection in nest boxes. PeerJ 8:e9211 <http://doi.org/10.7717/peerj.9211>
- 8) Murphy B. Circoviruses. In: Beaufrère H & Graham JE: Blackwell's Five-Minute Veterinary Consult 2nd edition. Wiley 2025. Pag 85-86. ISBN: 9781119870579
- 9) Olivares RWI, Bass LG, Sáenz-Bräutigam A, et al. Psittacine beak and feather disease in 2 free-living great green macaws: a case report and literature review. Journal of Veterinary Diagnostic Investigation. 2025;37(4):666-673. <https://doi.org/10.1177/10406387251333410>
- 10) PIRES, A. S. (2021). Detecção molecular de circovírus em aves de vida livre do Estado de Mato Grosso, Brasil.
- 11) Philadelpho, N.A., Chacón, R.D., Diaz Forero, A.J. et al. Detection of aves polyomavirus 1 (APyV) and beak and feather disease virus (BFDV) in exotic and native Brazilian Psittaciformes. Braz J Microbiol 53, 1665–1673 (2022). <https://doi.org/10.1007/s42770-022-00785-3>
- 12) Raidal S. Psittacine beak and feather disease. In: Speer BL: Current Therapy in Avian Medicine and Surgery, 1st edition. Elsevier 2016. Pag 51-59. ISBN: 978-1-4557-4671-2
- 13) Stragliotto Pires A: Detecção molecular de circovírus em aves de vida livre do Estado de Mato Grosso, Brasil. s.n; 25/11/2021. 70 p.-Thesis em Pt | VETTESSES | ID: vtt-221739; <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/vtt-221739>